

FUTEBOL: JOGO DO TRIÂNGULO

* IRAN NEWTON AGUIAR

1. INTRODUÇÃO

O futebol é um esporte. E como tal apresenta-se como fator cultural de grande monta, bem como, fato social de grande amplitude e relevância. Além do mais, para que se tenha uma visão mais ou menos correta, não basta tão somente encará-lo na sua totalidade como conjunto, mas procurar vê-lo em sua fragmentação; vê-lo em partes, para compreendê-lo no conjunto.

Vê-se, pois, que esta espécie de caminho ou movimento de ida e volta, como que um intercâmbio permanente, supõe elaborações acessíveis para compreendê-lo e que ele como fato social não oferece a nível nenhum.

Esta dificuldade de compreensão está porque, conceitualmente, a noção de futebol é muito imprecisa e vaga. Não temos ainda uma perfeita conceituação da articulação do esporte com os demais estágios do todo social. Contudo, no momento atual, já encontramos algumas análises do futebol, lançadas para dentro da **Ideologia, das Práticas Rituais e da Simbologia**, no corpo maior da Sociologia e Antropologia Social e que numa imagem espectral, distingue o feixe nos três compontes citados e delimita-os como um triângulo equilátero.

Ele é um jogo e como tal **significa alguma coisa**. Podemos até dizer que ele é mais do que um jogo; ele é também mais que um reflexo psicológico. De tal sorte, que neste **introito**, sou levado a considerar o futebol através de uma análise onde os componentes ideológicos, simbólicos e rituais, se encontrem de tal forma associados,

* Professor Adjunto da Escola Superior de Educação Física - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

que possam facilitar o entendimento do seu real significado na sociedade e por contraste, a própria sociedade. Desta forma, podemos dizer que o futebol na sociedade moderna, se impõe não só aos que o praticam; àqueles que o organizam e dirigem, mas àqueles que se dedicam a combatê-lo. Os que o praticam são jovens e esta afirmativa é evidente. É uma atividade específica da juventude. Aos poucos está se inserindo no meio feminino. Entre veteranos, as competições são organizadas em quase todos os países praticantes do jogo, com os limites de idade já estabelecidos. Entre os que o dirigem, temos a figura do **cartola**, que nos remete para a idéia do dirigente de clube em sua relação com o jogador. Aqui, não podemos olvidar aquelas relações pessoais com mínimo de interferências e a grande concentração de poder nas mãos de poucos homens.

Em tudo vemos uma estrutura no futebol, calcada no paternalismo, que ressalta na estrutura ideológica do jogo e num populismo político que **parece** influir no resultado da partida, embora não alterando as regras do jogo e nem substituindo a figura decisória: **o juiz**.

Como vemos, o futebol como manifestação cultural de uma sociedade, tomou tal incremento junto às nações que passou a influir decisivamente como processo ideológico do Estado, utilizando uma simbologia bem caracterizada. Assim, em seu primórdio, tornou-se símbolo de uma juventude formada por uma cultura, em que a elegância física e potência viril contavam entre os valores mais altos. Mas a população tomou conta e as camadas mais pobres e os negros, dele se apoderaram, popularizando-o. Com tais adventos, o caminho foi um só: a democratização do futebol e o negro, **travestido de moreno**, passou a ser o **rei do futebol**.

2. A VISÃO IDEOLÓGICA DO FUTEBOL

O mundo do futebol é dicotômico. Isto é, apresenta ao mesmo tempo a alegria e a tristeza. Espetáculo das grandes massas, ele é, notadamente no Brasil, a **paixão popular**. Na verdade, para tal afirmativa, deve-se vê-lo como praticado num país onde as próprias condições etnológicas e climáticas oferecem campo propício ao seu desenvolvimento. Basta tão somente um pequeno pedaço de terreno, uma via irregular e um terreno baldio e pronto: já há um lugar apropriado

a jogar-se futebol. As peladas fazem parte deste contexto.

De um modo geral, basta apenas um calção e a indumentária já propicia sua prática. Em outros países, onde o esporte também tem tradição e conquistas, o clima já não proporciona facilidades para a sua execução. Bastaria voltarmos às condições de uma Argentina ao Sul ou aos países europeus em geral, as condições de clima são obstáculos muito grandes, onde obriga o praticante a usar equipamentos mais generalizados, quando não, mais sofisticados.

Em realidade, num primeiro momento, devemos colocar e observar o futebol como atividade de lazer e como tal, tentar enquadrá-lo dentro daquelas condições mínimas que ao homem devem ser oferecidas. O homem precisa para viver: de comida, de uma casa, de roupa adequada e de trabalhar. Mas não é só isto. Ele precisa de lazer.

Conseqüentemente, o lazer a ser oferecido ao homem não será nunca um favor ou privilégio. Favor de quem dá ou oferece como o Estado ou o Particular; e privilégio como fruto de discriminação. Tudo isto vem à baila, porque ambas as situações referidas, ainda se encontram privilegiadas. Dado o fato de que a grande parcela da população ainda se encontra com enormes carências aquisitivas, o lazer é pouco desfrutado e os clubes, que poderiam oferecer este tipo de atividade, são ainda muito fechados, restringindo, conseqüentemente, seu uso para poucas pessoas.

O que sobra são terrenos baldios, pequenas ruas e até a encosta de um morro. E, aí neste lugar o esporte popular tem seu nascedouro.

O lazer, etimologicamente (licere = ser permitido) significa a concessão do senhor aos seus filhos ou dependentes, de fazer o que lhes agrada ou até de não fazer nada. Embora o significado do termo, até hoje, não tenha uma interpretação que contente às mais variadas línguas, a verdade é que tal palavra significa, em qualquer delas, uma ocupação do tempo livre.

O que se vê, em decorrência, é ser o futebol um extraordinário pólo de atração para praticantes e espectadores. O jogo, como um passe de mágica, transforma e altera o praticante e o espectador, fundamentalmente pelos símbolos que apresenta.

Indica, segundo DA MATA, "(...) para um **nivelamento**, um **igualitarismo** social e símbolos que apontam para uma **vitória do indivíduo** e da liberdade neste **sistema democrático**" (ap. NEVES, 1979, p. 2).

Nivelamento: símbolo dado pelos uniformes, onde todos se vestem com a mesma camisa e do mesmo modo (menos o goleiro). Vale dizer que esta imagem reproduz a unidade de propósitos existentes entre todos os membros; ao mesmo tempo denota solidariedade para o atingimento dos mesmos objetivos; pela igualdade entre todos; pela interdependência entre todos; pelas críticas ou elogios coletivos e pela igual premiação. Tudo se constitui em uma ideologia de permanência.

O futebol tem demonstrado diuturnamente, o alcance de uma projeção social. Melhor dizer: ascensão social. Sabido que em nosso meio social, aqueles oriundos das camadas mais baixas, galgaram um novo **status** social, mercê de seu desempenho. Os indivíduos, para a obtenção desta ascensão, **trabalham duro** e daí formou-se uma verdadeira imagem na sociedade, de um futebolista bem sucedido. Sua ascensão social, como **meteoro**, processou-se de forma rápida e vertical. Tal fato registra uma identificação da platéia com os verdadeiros atores do jogo.

Ainda devemos considerar como fator importante da ideologia, aquele que diz respeito ao fato de ser uma **democracia social e racial**, onde qualquer um com qualidades individuais bem definidas pode atingir fama e notoriedade.

Democrático, porque é o **esporte das massas**, onde o espetáculo está aberto a todos. Neste instante, o indivíduo sente-se com poder até para entrar no espetáculo, sair e entrar em sua estrutura sem consultar ninguém. Há o **mito da liberdade**. A representação assim exposta, que estabelece uma conjunção de pessoas com as mesmas expectativas, nada mais simboliza do que a **união do grupo**, a coesão, o **espírito de equipe**.

3. A PRESENÇA DA SIMBOLOGIA

No futebol também existe a noção de espaço e de tempo. Num e noutro aparece a permanência e a continuidade, ao invés de manifestarem-se as quebras e mudanças de ritmo.

O espaço diz respeito ao local de jogo; o campo de futebol com suas dimensões maiores e menores. Suas áreas internas determinadas através de regras, que estabelecem também as dimensões do objeto próprio do jogo: a bola. De igual maneira, componentes do jogo como as marcações e suas medidas, a distância entre os postes das metas; enfim, o alcance total das regras do jogo, em toda a execução da **arte popular**.

Nesta visão da ideologia que invade o futebol, detemo-nos a verificar que ela permeia toda a funcionalidade da sociedade. Vale dizer que o futebol transformou-se em artigo de consumo protrocinado pelo Estado todo-poderoso.

A partir dos anos trinta, o futebol tomou outro significado. Passou a ser um espetáculo de massas onde os pobres, frequentemente negros, viam neste esporte aquele elemento já referido: a ascensão social.

Junto, a simbologia se fez presente. Ele passou a ser manipulado como símbolo de unidade nacional e coesão (aspecto democrático) social e racial, como diz OLIVEN "(...) faz com que o futebol continue representando o sonho de muitos elementos das classes subordinadas ascenderem socialmente e se presta à difusão de uma imagem de **democracia social** " (1982, p. 71).

Ademais, os próprios torcedores manipulam a história de cada um de seus clubes, com o intuito de identificá-los com setores sociais. Os clubes, neste enfoque, são vistos como **valentes**. Os clubes de elite, como representantes de uma fidalguia e bom comportamento.

Da mesma forma, os torcedores criam símbolos que manifestam esta divisão do social. No Rio de Janeiro, temos o Fluminense chamado de **pó-de-arroz**: lembrando a riqueza e a elite do **branco**; aqui, no Rio Grande do Sul, também temos os símbolos a identificar nossos maiores clubes: o Grêmio e o Internacional. O primeiro, até a década de cinquenta, não possuía negro em suas equipes. Era o clube de **brancos** (hoje não mais ocorre), tendo a identificá-lo o MOSQUETEIRO com vestes de espadachim refinado. O internacional, com o nome de **clube do povo**, para não dizer **clube dos negrinhos** (com o diminutivo para a minimizar o preconceito), onde a figura desenhada é o negrinho uniformizado e com a bola na mão.

3. AS PRÁTICAS RITUAIS

Quando estudamos os rituais e tentamos situá-los e explicá-los inseridos em manifestações culturais, temos que compreendê-los como pertinentes a um cerimonial, onde o conjunto de fatores sociais é combinado para realizar o que percebemos no futebol, como algo capaz de apresentar situações tratadas e retratadas na convivência social. Há como que um momento especial: a expectativa dirigida para os personagens, para os gestos e para as roupas características.

Aqui entre nós, a individualidade é por demais marcada pelo futebol como sendo um determinado momento onde se totalizam um conjunto de gestos e relações, que são vividas e percebidas como fazendo parte de nossa própria alma. O futebol inclui-se dentro daquelas instituições perenes que fazem sentir nossa continuidade como grupo.

Seja nosso selecionado nacional, sejam nossos clubes maiores aqui de Porto Alegre, todas estas equipes nos dão a imagem de que **continuamos enquanto grupo**; ao contrário de outros eventos populares, onde é a própria consciência na forma de grupos. Eis porque, não só vemos, como sentimos e gritamos, quando nossa equipe está em jogo.

Na verdade, estamos diante de um rito, que é o momento importante, onde buscamos transformar o **único no universo: o individual coletivo**. E a ação é coletiva e disso já sabemos. Estamos, pois, num verdadeiro jogo de transformação, onde a própria sociedade se revela enquanto coletividade e enquanto grupo, bem diferenciados dos demais. Daí dizer-se que o ritual é um dos elementos mais importantes, não só para transmitir e reproduzir valores, mas, sobretudo, como instrumento de acabamento de valores.

Ademais, temos que o futebol é um rito sem dono e ao mesmo tempo capaz de criar momentos coletivos, onde sucumbe o individual em seu proveito. Neste instante, instalam-se os ritos desportivos onde se verifica uma verdadeira dialética: **a competição engloba na vitória todos os outros indivíduos, expressando a vitória**.

VAN GENNEP DIZ "(...) que o momento culminante do rito nada mais é do que uma fase de uma seqüência que sistematicamente comporta outros momentos e movimentos" (p. 18). Quer dizer, que as fases que comportam movimentos e momentos, comportam também interpretações que

são fundamentais para o entendimento do ritual. A simples observação e interpretação de apenas uma fase é enganadora.

O que não padece dúvida, é o fato de que os rituais compreendem uma situação formal, com cerimônia, solenidades e cumprimento de disposições estabelecidas. E o futebol se enquadra perfeitamente neste quadro, por ser revestido de cerimônias próprias, solenidades marcadas e regras do jogo que devem ser cumpridas à risca. Dentro deste contexto, cumpre ressaltar a adjucação de elementos místicos que antecedem as partidas. A respeito, em recente trabalho efetuado no Sport Club Internacional e no Grêmio Futebol Porto-Alegrense, obtive dados bastantes significativos. Senão vejamos:

a) no Internacional, alguns atletas, invariavelmente, passam quer em treinos ou jogos, no pequeno santuário colocado dentro do vestiário;

b) tanto num clube quanto no outro, antes dos jogos e antes do período de aquecimento (já uniformizados e sem chuteiras), todos os atletas (mesmo os reservas) se dão as mãos, formando um grande círculo, onde, pela voz de alguns companheiros, são estimulados à conjugação de propósitos pela vitória e a um grande esforço;

c) após o aquecimento, todos os atletas se dão as mãos, formando um círculo pequeno e fechado e com o detalhe importante, de que os pés devem estar unidos pelos calcanhares, em forma de V, com as pontas dos pés afastadas, porém encostadas nas dos companheiros ao lado. Tal posição objetiva impedir a passagem de qualquer coisa (expressão que significa: qualquer pensamento negativo ou uma **secada**) ou querendo dizer que o **corpo fica fechado**. Sempre em tais situações, o poder centralizador do conjunto é a **bola**, que deverá, obrigatoriamente, estar imóvel no centro do círculo. Neste momento, todo o grupo promete a vitória; e

d) quando momentos antes de entrar em campo, na **boca do túnel**, os atletas mais uma vez dão-se as mãos, agora com o treinador, umas sobre as outras e, ao comando do capitão da equipe, gritam expressões de efeito e bombásticas, quando então sobem para o gramado.

Neste efeito mágico, merece especial atenção, o fato de que é quase uma instância que autoriza o ingresso das equipes para o jogo.

Reflete-se, pois, sobre o ordenamento que se verifica em todas as fases da preparação, em que são obedecidos certos ritos, partes inerentes a um longo cerimonial que finda muito tempo depois. O que se vê? — Os atletas, antes tão solidamente ligados, agora se afastam, quase sem cumprimentos, tomando cada um seu verdadeiro lugar no social. Tudo reduziu-se ao indivíduo. O sentido coletivo desapareceu. Tudo se passou como fato social, onde as passagens e deslocamentos são uma constante. Note-se que as fases assim compreendidas se explicam através de um modo dialético: uma fase cancela a anterior, que por sua vez atua sobre a primeira e ambas, no movimento, são resolvidas por uma posterior ou síntese destes deslocamentos e tudo retorna à rotina.

Por outro lado, quando pensamos o futebol através de sua simbologia, seus rituais e sua ideologia, sentimos estar lidando com um jogo, em que estes caracteres envolvem o desporto, enriquecendo-o e fazendo com que esta trilogia seja vista como um triângulo de forças equipolentes. em suma, um triângulo equilátero.

Podemos até dizer que os ritos que o compõe **fazem coisas, dizem coisas, revelam e escondem coisas.**

TEIXEIRA coloca "(...) os ritos como sendo movimentos ou acontecimentos especiais, em última análise gerados pelos sistemas sociais onde se desenvolvem, para desempenhar uma ou mais funções (...) " (1981). Tudo está a revelar posições indicativas que denotam o problema: os ritos são momentos especiais construídos pela sociedade. A compreensão desta realidade nos remete a perceber que a Antropologia contempla, em sua linguagem, uma infindável relação de rituais. Assim como temos rituais **mágicos e místicos** de **exames escolares, militares e civis**, temos também os rituais **esportivos**, tão bem salientados por DA MATTA (1983).

Conseqüentemente, o que vemos é o futebol tomado com toda a sua complexidade e sua manifestação. E, ao percebê-lo neste estado, verifica-se uma diversidade no jogo. Isto é, existem vários jogos de futebol e vários times de futebol. Uns pobres e outros ricos; uns brancos e outros pretos. Contudo, estes jogos são ao mesmo tempo **vários** e **um**. Eles não são diferentes. O que importa compreender é que a leitura perpassa o mundo social por ação de cortes longitudinais ,

que expõe seu conteúdo.

Nestas condições, temos que o futebol, desde os vestiários, atravessando o túnel e indo até o campo de jogo, se reproduz; se comporta como uma imagem espelhada, mas não invertida, das formas que se encontram na própria sociedade. Esta imagem refletida cria planos e seu próprio plano. O futebol inventa seu espaço social com suas regras bem definidas, embora mesmo que visto obliquamente, descortine o coletivo - o mundo social - mesmo que a reprodução não seja direta e óbvia.

4. CONCLUSÕES

O futebol surge, assim, não só como um universo de possibilidades ideológicas, mas, verdadeiramente, como um caleidoscópio: **multicolorido, sincrônico, geométrico**. Estas possibilidades se passam como as ondas em quebra-mar; isto é, vão e voltam. É um esporte que emite e recebe ideologia, sem ser uno e fechado. Ao contrário, é um espaço extraordinariamente aberto para a ideologia crítica da sociedade, que está no meio da torcida em várias representações.

A torcida, por seu lado, tende sempre a negar os valores estabelecidos pelas regras e os símbolos que representam o poder. Mas, ao mesmo tempo é atingida pela representação de uma ideologia populista, que a envolve e a transforma. Nesta transformação, o futebol se insere como elemento determinante de uma reflexão sobre o modo de viver do próprio homem.

E, quando estabelecemos ao longo do trabalho, as partes componentes do tema proposto, o fizemos olhando o significado destes mesmos componentes e a projeção ocorrida na sociedade. O futebol como esporte popular identifica o torcedor com as sensações de uma bela conquista e o remete para ser participante de um jogo, onde ele se relaciona com sua vida social, através da conquista, da luta, da vitória. Não podemos excluir o futebol da visão panorâmica, qual lente **grande angular**, a retratar o cotidiano.

Esta visão sociológica é intrínseca aos jogos e desportos. E aqui cabe distinguir o jogo individual do coletivo. No primeiro há o individualismo, onde a exemplo da natureza, vence o mais forte, o mais apto. Ao contrário, o futebol como esporte coletivo, com seu signi-

ficado psicológico, foi escolhido pelo jogador; quer dizer, não foi imposto a ele. Neste caso, o jogador de equipe pensa em termos não-egoístas. Há como que um bom combate; ele luta em defesa do todo; luta coletivamente; as façanhas individuais, no mais das vezes, são proporcionalmente mais difíceis e a agressividade é reprimida pelas regras do jogo.

O futebol, pois, está relacionado à realidade dominante ou a vida cotidiana. Num sentido, porque há **uma regularidade tanto no trabalho como no lazer**. Noutro sentido, porque ao nível do discurso, se muitas vezes são atualizadas **conjunções e disjunções** que invertem a estrutura social, em outros momentos - nas derrotas especialmente - as posições que vêm a tona, **resultam e refletem conflitos da própria estrutura social**.

Vê-se, conseqüentemente, que embora os níveis e limites expostos no trabalho, temos que o futebol ainda está a mercê de novos enriquecimentos em seu significado antropológico

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 DA MATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- 2 GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de Passagem**. s.n.t. - Apresentação p. 11-21; Cap. I, p. 25-33; Cap. X, p. 157-161. (MIMEO).
- 3 HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: O jogo como elemento da Cultura**. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- 4 MAGNANE, Georges. **Sociologia do Esporte**. São Paulo, Perspectiva, s.d.
- 5 NEVES, Luiz Felipe Baêta. **O Paradoxo do Coringa e o Jogo do Poder & Saber**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1979.
- 6 OLIVEN, Ruben George. **Violência e Cultura no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1982.
- 7 ROSENFELD, Anatol. **O Futebol no Brasil**. s.n.t., p. 61-84. (MIMEO).
- 8 SALDANHA, João et alii. **Esporte e Poder**. Petrópolis, Vozes, 1985.